

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Lucrécia Fonseca

registada em 2009-02-04
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira

Lucrecia Fonseca

Lucrecia Pereira dos Santos Fonseca nasceu na Benfeita a 23 de Novembro de 1937. Os pais chamavam-se Manuel dos Santos e Lúcia Pereira dos Santos. “Tinham uma lojazita.” Tiveram quatro filhos. Lucrecia era a mais nova. A primeira vez que foi para a escola, com 7 anos, ia toda contente. Andou até à terceira classe. O marido conheceu-o na Benfeita. Como ele estava em Lisboa, o namoro foi feito por cartas. Após dois anos de namoro, casaram no dia 10 de Setembro de 1960. Lucrecia trabalhou sempre no campo. Aos 29 anos foi viver para África do Sul. Lá “aturava os filhos e fazia a vida da casa”. Viveu entre a Benfeita e África, até que foram para Lisboa, onde viveu 12 anos. Em Lisboa trabalhou nas limpezas. Por fim, regressou à Benfeita.

Índice

Identificação Lucrecia Pereira dos Santos Fonseca.....	4
Ascendência Manuel dos Santos e Lúcia Pereira dos Santos.....	4
Casa "Tudo muito pequeno".....	5
Infância "Não vivíamos com a fartura que agora comem".....	5
Educação "Era todo o dia escola".....	6
Religião "Não me deixou fazer a Comunhão".....	7
Costumes Tradições do passado e do presente.....	8
Namoro "O meu pai deu ordem e nós casámos".....	11
Casamento "Íamos com flor de laranjeira".....	12
Migração 35 anos longe de casa.....	13
Lugar Aldeia serrana.....	15
Sonhos Saúde e alegria.....	18
Avaliação "Os outros não se importam".....	18

Identificação *Lucrecia Pereira dos Santos Fonseca*



Lucrecia Pereira dos Santos Fonseca (anos 60)

O meu nome é Lucrecia Pereira dos Santos Fonseca. Nasci na Benfeita a 23 de Novembro de 1937.

Ascendência *Manuel dos Santos e Lucia Pereira dos Santos*

Os meus pais chamavam-se Manuel dos Santos e Lucia Pereira dos Santos. Eram os dois da Benfeita. Eles ainda eram primos. Afastados ou primos direitos, mas ainda eram primos.

Tinham um negocio fraco. Andavam nas feiras, às vezes. Outras vezes, ficavam por aqui. Tinham uma lojzita. Não era deles, pronto, era alugada. Era

um negócio de panos. Agora é tudo feito, mas primeiro ainda havia panos. Eram panos riscados, popelinas, sedas e assim certas coisas que medíamos ao metro. E tinham mercearia, também. Eu não sei já bem como é que aquilo vinha. Não sei se o meu pai ia buscar os produtos a Arganil, se os vinham cá trazer. Acho que vinham numa burra ou numa mula ou qualquer coisa assim. Já não me lembra disso. Sei que era muito fraco o negócio. Tudo ficava a dever. Isto foi uma miséria, antigamente. Iam às feiras, mas vender só panos. Iam à feira de Mont'Alto, que ainda há. Agora é mais para divertimentos. Antigamente, era mais para venderem cobertores, peças de pano e assim coisas. Foi assim a vida dele. Viviam muito pobres.

Em casa, éramos quatro irmãos. Uma já morreu. Eu era a mais nova. Se nós não entrássemos em casa ao toque das Ave Marias - era ao escurecer, aí por volta das cinco, seis horas, ou das nove ou dez de Verão - e se chegávamos ao andar de cima e não dávamos as boas-noites, ele dizia assim:

- "Onde é que ficaram as boas-noites? Vá buscá-las à porta!"

E nós tínhamos que vir à porta, abrir a porta, fechar e chegar lá, dar as boas-noites. Era educação! Não é como agora.

Casa "*Tudo muito pequeno*"

A casa onde nasci é uma casa ali perto da Junta. Está arranjadinha agora. Está em madeira por fora, mas não é minha. Nós vendemos aquela casa já há muitos anos. Era pequenina. Só tinha um andar de cima. Tinha dois quartitos pequeninos, a cama encostada e mais nada. E tínhamos a cozinha, que era grandita. Tínhamos o fogão de lenha, uma bancazita para termos a loiça por cima, numas prateleiritas, o cântaro da água e mais nada. Íamos à água à fonte. E tínhamos o andar de baixo. Era um quarto e uma salita pequenina também.

Não havia casa de banho. Tomar banho, tomávamos numa bacia. Aquecíamos a água no fogão. Depois púnhamos água quente e água fria. E assim se tomava banho. Não era como agora, não.

Era tudo muito pequeno. Bem, a minha mãe já lá viveu nessa casa também. E viveu com seis filhos. Viviam dois, três numa cama. Agora, não. Agora, já é cada bebé em sua cama. Mas nós, antigamente, éramos dois, três numa cama, conforme.

Infância "*Não vivíamos com a fartura que agora comem*"

A gente vivêramos sempre bem, graças a Deus. Quer dizer, não vivíamos com coisas como agora comem e comemos, mas vivíamos fartinhos. Graças a Deus, não tínhamos fome. O que é não vivíamos com a fartura que agora comem. Manteigas, queijos, leites e essas coisas todas. Antigamente, não havia nada. Não havia leite do pacote nem nada, como agora. Eu sei lá como era a nossa alimentação. Bebíamos café negro de manhã, um bocadito de pão de trigo e o que cultivávamos nas fazendas que eram nossas. Semeávamos milho, batatas, feijão, couves, daquela couve-galega que há para caldo verde, plantávamos pimentos, tomates nos limites dos milhos... Era assim que nós comíamos e bebíamos.

Íamos à lenha, íamos ao mato, íamos acartar estrume para a fazenda. Com 9 anos ou 8, ainda era novita, já íamos para a fazenda. Não tínhamos cabras, mas tínhamos uma mula e um macho. Primeiro tivemos o macho. Depois, tivemos uma mula para o meu pai ir às feiras com ela na carroça. E, na altura, tínhamos coelhos, também.

Educação "*Era todo o dia escola*"

Fui para a escola a primeira vez toda contente. Já tinha 7 anos feitos, parece-me. A escola era no Areal, por cima da Junta. Entrávamos, tínhamos um quarto para um lado, onde púnhamos os casacos. Os que vinham da freguesia tinham os casacos nuns cabides que ali havia e arrumavam os cestos naquele quartinho. Depois, entrava-se a porta para dentro e era uma sala ampla. Uma sala grande onde estávamos todos misturados, rapazes e raparigas. Ainda havia bastantes.

A minha professora era a dona Lucília. Depois, andei com a dona Fernanda. E, depois, andei com a dona Idalina. Fiz o exame da terceira classe com ela. Não eram más. Eram boas professoras. Ensinavam como as outras. Fazíamos ditados, fazíamos redacções, fazíamos cópias, contas, problemas... Era assim antigamente. Às vezes, castigavam. Davam reguadas e com a vara na cabeça. E algum dia nós agredíamos as professoras como agora? Agora é uma pouca-vergonha. Não tem jeito nenhum. Naquele tempo, nós é que batíamos numa professora? Ai daquele!

De manhã, a gente entrava às nove horas. Saíamos ao meio-dia para almoçar. Tínhamos aquele recreio até à uma hora, quando íamos almoçar. A gente depressa comia e acho que era à uma ou às duas horas que a gente entrava. Depois, saíamos às três. Todo o dia escola, mas ainda tínhamos um recreio às três horas para virmos lanchar. Quando já andávamos na terceira classe, entrávamos das cinco até às seis. Era uma hora de Problemas.

Depois, brincávamos. No meu tempo, fazíamos umas rodas e andávamos às nações. Chamávamos as nações. Fazíamos uma roda aqui, outra roda ali, outra roda além, com um lápis ou um giz. Depois, um punha-se numa roda, outro punha-se noutra, outro punha-se noutra e andávamos de uma roda para a outra a fugirmos e a saltarmos duns para os outros. Ou estava um no meio, o outro saltava para a outra, rodava-lhe a roda. E andávamos também a dançar e às escondidas. Era engraçado. Não havia brinquedos, não tínhamos bonecas, não tínhamos nada. Antigamente não havia nada. Os nossos pais andavam a trabalhar e viviam pobres. O nosso brinquedo era a roçadeira para ir ao mato.

O dia do exame da terceira classe

Lembro-me do dia do exame da terceira classe. Fiz a prova escrita de manhã e depois, de tarde, fiz a prova oral. De manhã, era a prova escrita: os problemas e as contas. A prova oral era a leitura. Era ler. O exame foi ali no Areal. Vinha cá um professor de Arganil.

No dia do exame, estreei os primeiros sapatos novos! Andava com uns sapatos das minhas irmãs. Nesse dia, calcei os sapatos novos. Eram bonitos! Jeitosos. Ia toda contente porque, nesse tempo, calçávamos mal. Iam descalços. À semana, andávamos com umas tamanquitas com brochas por baixo. E, quando íamos ao mato, vínhamos descalças na geada e onde calhava, porque as tamancas escorregavam nas pedras e nós caíamos. Custava, mas também não podíamos cair. Era pior. Passávamos muito mal, muito frio. Mal agasalhadas, mal calçados.

Depois do exame, cheguei a casa, tirei o vestido e fui para as pinhas. Era assim a nossa vida.

Religião "*Não me deixou fazer a Comunhão*"

Aprendi a doutrina toda. A doutrina, antigamente, era diferente. Aprendíamos a rezar muitas orações e certas coisas. Era duas mulherzinhas velhas que cá havia que nos ensinavam por um catecismo. Eram da Igreja. Uma era Maria José. Outra, nem sei como é que se ela chamava. Era irmã também.

Eu não fiz a Primeira Comunhão, que o meu pai não me deixou. Estava preparada e depois não me deixou fazer a Comunhão. Embirrou que não ia fazer, não fiz. Depois, fiz, mais tarde, mas sozinha. Comunguei como uma pessoa qualquer. No meu tempo, havia muita gente na missa. Agora, não. Agora, há pouca. Ainda era em latim, primeiro. A gente não percebia nada! Rezávamos o que sabíamos. Era assim.

Costumes Tradições do passado e do presente

"Dava o porco para muito tempo"

Nós matávamos porco, antigamente. À tarde, iam desmanchá-lo. Depois, fazíamos assim um almoço bom e, à noite, fazíamos o jantar. Comiam e bebiam. Comia o matador, o meu pai e nós todos, vá. Assávamos febras no fogão, num prato, num tabuleiro. Depois, o meu pai já estava assim mais velho, a carne de porco começou-lhe a fazer mal e eles deixaram de matar.

Nessa altura, migávamos as carnes para o enchido. Primeiro, lavava-se a tripa na ribeira bem lavadinha. Depois, lavava-se em casa com águas bastante quentes, sabão, essa coisa toda e novamente com águas quentes para tirar o sabão. Atavam aquelas tripas aos bocadinhos e enchiam com uma enchedeira. Era uma coisinha que tinha um buraco, um canito. Punham a carne ali para dentro e o enchido ia para dentro da tripa, da chouriça. Eu nunca fiz enchido assim, mas sei que temperávamos com colorau, com conserva de pimenta, piri-piri, vinho, essas coisas assim. Até comíamos os ossos. Quer dizer, coziavam-se os ossos da cabeça e tirava-se a carne. Aquelas febras boas até eram muito gostosas. Depois, havia o bucho. Era a massa do bucho, que enchíamos de carne boa, arroz e assim. Costurávamos tudo. Chamávamos nós o "morcelo". Depois, coziavam aquilo juntamente com os ossos e comiam com couves e batatas. Era bom. E aquela calda ia para fazer as farinheiras. As farinheiras era só com farinha, aquelas gorduras e aquela calda. Havia quem metesse pão, também, mas era só farinha.

Antigamente cortavam o lombo aos bocadinhos e púnhamos numa panela em azeite para depois irmos comendo por o ano acima com favas. O enchido de carne ficava também em azeite e as costelas, a mesma coisa. O outro, comia-se. Ia-se comendo com os grelos, na altura dos grelos. Aquela carne mais gorda, entremeadada e couratos, conservava-se salgada. Salgávamos e iam comendo depois. Fumávamos os presuntos para irmos comendo, também. Dava o porco para muito tempo, conforme o que se comia.

Já não me lembra bem eles matarem porco. Mas era no frio. A minha sogra matava sempre por o Natal, que era quando os filhos cá vinham, os dois filhos. E nós também, com certeza. Era também no tempo do frio.

"A minha comida caseira"

A minha mãe fazia muita vez o comer e nós aprendíamos. Ensinava-nos a assar carne no forno, temperar, guisados, a comida que nós fazemos caseira. Eu não sei fazer comidas como há em restaurantes e outras coisas assim. Não sou capaz. Sei fazer a minha comida caseira.

Quando se mata um cabrito, faz-se arroz de fressura. É a fressura dos cabritos, das reses. É o fígado, é o bofe e essas coisas todas do cabrito. Fazem assim: daquele sangue que tiram do cabrito, mexem bem mexidito com vinagre e aquilo não coalha. O sangue é cozido, parece-me, e depois metem naquele arroz. No fim de estar o arroz quase pronto, migam aquilo miudinho, esfarelam o sangue e põem. É bom. Muito bom.

A chanfana também faço. É carne dessas reses maiores, ovelha, carneiro ou chibo. Mas há cabrito, também. Quer dizer, aqueles mais novinhos, ainda melhor. Tempera-se na véspera e deixa-se marinar em vinho, alho, colorau, piri-piri, louro, salsa e essas coisinhas assim. Ao outro dia, miga-se a cebola e põe-se a assar.

Fazíamos tudo. Arroz-doce, tigelada, tapioca, coscoréis... Os coscoréis é assim: a gente põe a farinha, o fermento, um bocadinho de aguardente, um bocadinho de sal, uma dúzia de ovos por 1 quilo de farinha e açúcar, umas colheres de açúcar. Depois, amassa-se tudo bem amassadinho e deixa-se levedar. Então, fazem-se em azeite ou óleo. O arroz-doce: põe-se a panela ao lume com um bocadinho de água. Quando estiver a água a ferver, põe-se-lhe o arroz para dentro e uma casquinha de limão. E deixa-se abrir o arroz bem abertinho. Depois de o arroz estar bem abertinho, põe-se-lhe leite e deixa-se ferver bem no leite. Tem que se cozer bem o arroz, porque, se lhe puser o açúcar sem o arroz estar cozido, já não coze mais. Damos o açúcar no fim, pronto. Depois tira-se o arroz, põe-se nas tacinhas ou onde a gente quer e põe-se canela. E a tapioca é feita da mesma maneira. A tigelada: batem-se os ovos bem batidos e põe-se açúcar a nosso gosto. Depois, com o forno quentinho, põe-se a fazer.

O Dia dos Compadres

O Dia dos Compadres é na Quinta-feira dos Compadres. Havia baile. Tiravam sortes. Acho que arranjavam papéis e depois cada uma arranjava seu compadre ou cada um arranjava sua comadre. Era uma reinação, uma tradição. Reinavam assim. Algumas ficavam contentes com o compadre, outras não

ficavam contentes. E eles com as comadres, também. Arranjavam, às vezes, miuditas para um homem casado... Era assim, engraçado. Depois, faziam um bailarico até às tantas da noite. De madrugada, iam ao leite, buscar leite às cabras ao curral dum, ao curral doutro, traziam o leite, iam ao padeiro buscar pão e faziam, então, um café de manhã. Comiam e bebiam de madrugada, já de manhã quase.

Brincadeiras de Carnaval

Havia até dois bailes durante o tempo do Carnaval. Havia um lá em cima, no Outeiro, e havia outro cá em baixo, no fundo. Dançavam a toque de guitarras e de acordeões. Depois, havia despiques. Dia de Carnaval saíam à rua, iam com um rancho. Vestiam-se qualquer coisa diferenciado e depois andavam na rua a cantar e a dançar e essa coisa toda. Eu, por acaso, nunca me mascarei, porque o meu pai não deixava, não era dessa gente assim. Não tínhamos aquela liberdade.

Também jogávamos à panelinha. Púnhamos assim uma fila de gente. A primeira mandava o cântaro para trás, a detrás para trás e para trás, até ao fim. Algumas não o apanhavam. Caía no chão e partia. Era cântaros velhos que nos davam. Era engraçado. Tínhamos de ter alguma brincadeira!

Festas, música e bailes

Em Junho, é a festa do Santíssimo, que é muito bonita. É a festa da igreja. Vem a música, há ofertas e comungam as crianças. Depois, há a festa de Agosto, a Senhora da Assunção, que é o dia 15 de Agosto. E vem a do santuário lá de cima que é em Setembro, no primeiro domingo ou segundo domingo. É assim as festas da Benfeitá.

Antigamente, eram como agora mais ou menos. Mas, primeiro, era só com música. Vinha a música do Barril ou de Côja. Vinha de manhã e era até às 11 horas ou meia-noite, a da festa de Agosto. A do Santíssimo só vinha até à tarde e à tarde ia-se embora. Iam a dançar à frente da música até lá em baixo, onde começa a povoação. Agora, há concertos, há tudo, mas já só dançam o que lhe apetece. Já não querem dançar.

À noite, tocava o Manjerico. Era o rancho das raparigas novas, da mocidade. É o Rancho dos Manjericos. Foi um homenzito que aí estava que o criou. Só que esse homem já morreu. Iam a Lisboa e a Coimbra. O meu pai nunca nos deixou ir para o rancho. Quando estava de maré, íamos aos bailes. Quando não estava, não íamos.

Tradições que se perdem com o tempo

No Verão, em Setembro, quando se apanhava o milho, juntavam o milho e vínhamos todos às debulhas uns dos outros. Era bonito. Os homens sentavam-se e malhavam o milho e nós debulhávamos depois o que ficava nos casulos. Eram os serões. Fazíamos serão a debulhar o milho, a cantar e a falar. Depois davam castanhas secas, davam vinho, davam um bocado de jeropiga para a gente beber, bolachas, um doce, qualquer coisa assim.

O Natal não era nada. Fazíamos os cepos só e umas filhós em casa. Punham uma fogueira muito grande ali ao pé da capela. Arranjavam aqueles coisos dos pinheiros, punham tudo junto e depois ardia aquilo. Era para se irem aquecer e para irem lá passar um bocado. E este ano também fizeram. Agora até fazem a sopa de pedra. É uma sopa com carne, feijão e couves. Antigamente, não havia nada disso.

Quando nós éramos pequenitas, nos Reis, as crianças pediam as Janeiras. Íamos pedir a todas as portas:

- "Dê-me as Janeiras! Dê-me as Janeiras!"

Davam-nos tangerinas, laranjas, castanhas secas, figos secos, só estas coisitas assim. Ninguém tinha dinheiro. Era tudo pobre. Se não davam, não davam. Íamos embora para outro lado.

No dia 1 de Maio, não costumamos ir ao mato, nem trazer nada para casa. Vêm as cobras. Agora é o Dia do Trabalhador. Não trabalhamos. Trabalhamos no campo, mas não trazemos nada para casa de hortaliças, nem mato, nem lenha, nem nada. Eu nunca experimentei a trazer nada. Ainda hoje, tenho medo das cobras. Aqui no quintal já eu as encontrei. Até ali na garagem já encontrei uma, uma na capoeira das galinhas e lá em baixo, na loja, também.

Namoro "O meu pai deu ordem e nós casámos"

Conheci o meu marido cá. Ele é da Benfeita, também. Depois, estava em Lisboa, eu estava aqui e escreveu-me. E eu escrevi-lhe. Depois, pediu ao meu pai se podia casar comigo. Lá o procurou, contou-lhe o que sabia, sei lá. Já nem sei. A mãe já tinha morrido. Namorámos dois anos, enquanto ele estava em Lisboa. Foi namoro à distância por cartas. Que é que havia de ser? Mas eu é que sei o que é que ele me escrevia... Depois o meu pai deu ordem e nós casámos.



Adelino Almas Fonseca, marido de Lucrécia (anos 60)

Casamento "*Íamos com flor de laranjeira*"

Casámos o dia 10 de Setembro de 1960. O dia do casamento foi bonito. Eu ia vestida de branco. A gente, antigamente, íamos com flor de laranjeira e tudo. Quer dizer, um raminho de flor de laranjeira igual à coroa. Púnhamos com uns alfinetinhos e ia presa. Bem bonita! Agora, é fotografos, já há tudo, já é diferente os casamentos. Eu não tinha fotografos. Foi um vizinho meu que nos emprestou a máquina e eu comprei um rolo. Depois, tiráramos as fotografias. Houve uma rapariga que nos tirou.

Fomos à igreja, casámos e depois viemos para casa. Fizemos boda cá, lá em baixo, na casa que é agora do meu irmão. Não houve copo-d'água. Nós é que fazíamos a festa. Fazíamos carne, chanfana, cozido à portuguesa, fressura e doces. Foi assim.



**Casamento de Lucrecia e Adelino Fonseca
(Benfeita, 10 de Setembro de 1960)**

Migração 35 anos longe de casa

"Eu ainda tinha medo dos pretos"

Trabalhei sempre no campo. Quando casámos, o meu marido voltou para Lisboa e eu fiquei aqui a trabalhar no campo. Era a vida dele lá. Vinha cá de ano a ano a quase só, por o Natal.

Depois, o meu cunhado, mandou-lhe a carta de chamada. É um documento qualquer que eles mandam de lá para se poder lá entrar. Antigamente, não se entrava assim a brincar. Tinha que uma pessoa se autorizar e responsabilizar por aquela pessoa. Na altura, ainda mandavam e ele foi para a África do Sul. Eu estive cá mais dois anos. Aos 29 anos, fui lá ter mais o pequenito, que já tinha um filho.

Estivéramos lá uns anos, lá vivêramos. O meu marido trabalhava na construção. Lá, eu não fazia trabalho nenhum. Aturava os filhos e fazia a minha vida da casa. Nalguns sítios, vivíamos portuguesas umas ao pé das outras. Da Benfeita, só estava lá eu, a minha irmã, uma prima minha e pouco mais. Às pessoas que estavam na aldeia, escrevíamos cartas. Ficava mais barato.

Com a língua, a gente entendia-se bem, porque nós íamos aos "shops", como aqui, aquele "shops" grandes, e comprávamos o que queríamos e o que

não queríamos. Depois, pronto, trazíamos para a caixa. Chegávamos à caixa, pagávamos e andávamos. Não era preciso estar a conversar com elas. Eram ingleses, sul-africanos e pretos. Pretos, havia lá muitos. Havia Apartheid. Eles tinham lá o comboio deles, tinham o "bus" deles e nós tínhamos o nosso. Os brancos iam nuns "buses" - chamavam lá um "bus", um autocarro - e os pretos iam nos deles. Eu não estranhei. Na altura, até fui para uma "flat" e os pretos foram lá pintar a "flat". Ainda tinha medo deles. Estava ali sozinha, fechei a porta à chave por dentro, fechei as janelas. Depois, ia de casa da vizinha para cima, mas eles não me faziam mal. Eu é que tinha medo, porque ia daqui. Foi a primeira vez que fui para lá, ia com aquele receio deles. Mas não me fizeram mal. O que é a porta ficou por pintar conforme se fechou.

Lá, é muito frio e muito calor também. Agora, até Março ou Abril, ainda lá está quente. Depois, começa lá o Inverno e começa aqui o Verão. Lá, o Natal é no Verão, mas é em Dezembro na mesma. É na altura que os homens têm férias. A construção pára. Dia de Natal íamos fazer uns piqueniques ao parque com a família, com a minha irmã. E, às vezes, íamos a Moçambique. Fôramos duas vezes a Moçambique passar férias e fomos uma vez também a Durban.

Depois, viemos cá à Benfeita e estivéramos aqui uns anos. Fizemos a casita, na altura. Mas o meu marido disse assim:

- "Isto não é vida para gente nem para os filhos."

Já tinha três filhos, na altura. Ele voltou e eu fui lá ter com os filhos outra vez. Estivéramos lá mais uns sete anos ou o que foi. Voltáramos outra vez e viemos para aqui. Em 1987 é que nós viemos. Aquilo lá já não estava muito bom. Já se ganhava lá pouquinho e a despesa já era muito grande. Mas ele ainda voltou a Lisboa uns meses, sozinho. Foi assim a nossa vida, com altos e baixos.

"Era cidade, mas a gente trabalhava na mesma"

Estivemos uns anos na Benfeita e depois fomos para Lisboa outra vez. Ainda lá estivemos 12 anos a viver. Tinha lá um filho. Ele, coitadito, estava lá também muito sozinho e fomos para lá, para o pé dele.

Morámos no Rego e depois fomos para o Casal de São Brás. A vida lá era diferente, porque era cidade, mas a gente trabalhava na mesma. Andei nas limpezas num escritório de um arquitecto. Ele era francês. Três horas que eu lá fazia por dia. Graças a Deus, confiava em mim. Nunca lá mexi em nada.

Agora é que viemos de vez para aqui. Pronto, cá estamos.

Lugar *Aldeia serrana*

"Havia uma forneira"

Antigamente, a gente fazia a broa. Faz-se um crescentezito na véspera, uma espécie de fermento, põe-se sal, põe-se água quente e tem que se amassar a farinha. Moía-se em moinhos que cá havia antigamente. Eu não tinha, mas moía nos moinhos dos outros, das outras pessoas. Pedíamos e eles deixavam moer a gente. Era tudo moinhos caseiros lá nas ribeiras e moíamos de graça. A água era de graça, era tudo de graça. Quando não tínhamos milho, comprávamos a farinha ao moleiro. Agora, não sei se ainda há aí algum moinho nem se não, mas acho que já cá não há nada.

Para cozer a broa, coziámos nos fornos de outras pessoas, também. Coziámos duas, três pessoas. No tempo da minha mãe, coziám muitas. Eram quatro, cinco e havia uma forneira. Então, a forneira mandava aquelas pessoas amassar a broa, todas ao mesmo tempo. Acendia o forno, aquecia-o e depois cada uma dava-lhe uma merendeira. Era um bocadinho de massa na mão. Punham aquilo para dentro duma tigela e ela, de cada fornada que coziám, fazia uma, duas broas, conforme. Íamos todas para o forno ao mesmo tempo, também.

Eu só cozia com a minha tia e era poucochinha broa, porque, na altura, eu estava sozinha. Duravam para toda a semana. Havia outra senhora que fazia o mesmo. As pessoas coziám todas juntas e cada uma punha seu sinal. Uma fazia assim um belisco na broa, outra punha um dedo com um buraco, outra punha uma caruma. Era assim. E conhecia-se.

"Foi uma alegria a luz"

Eu era pequenita quando não havia luz. Ainda me lembro bem do candeeiro. Usávamos um candeeiro de petróleo. Ainda tenho além um e ali outro. Havia um alto que púnhamos na mesa. O outro botavam na cozinha. Às vezes, usavam velas e algumas pessoas usavam azeite. Mas outras pessoas, não. Nós usávamos só petróleo. O azeite era mais caro e era preciso. Nós, antigamente, fazíamos tudo com azeite. Fritávamos as batatas e tudo quanto era frito era com azeite. Fazíamos renda à luz do candeeiro. Estávamos habituadas àquilo, àquela luz. Agora, já não vemos com o candeeiro. Foi uma alegria a luz. Veio para as casas

e para a rua. Já estava tudo preparado. Senti que era bonito e bom. Víamos tudo. E com o candeeiro, só víamos assim de roda.

As fontes eram uma ao pé da Junta, era aquele chafariz que lá está, e outra na praça. Antigamente, nós chamávamos fonte e íamos lá à água. Quando houve possibilidades de fazerem água canalizada, já foi mais tarde. Só havia água nalgumas casas melhores. Quem não podia, não a punha. Vínhamos à fonte buscar água. Ali na praça, no Areal, na Fonte da Cabra que era numa ribeira e na Fonte da Telha. Antigamente, não tínhamos máquinas. Ainda há pouco tempo é que tem havido máquinas. Lavávamos a roupa na ribeira. Às vezes, no Verão, tinham aqueles tanques para os poços. Fazíamos um poço grande à sombrinha e lavávamos dentro de água. De Inverno, lavávamos de joelhos. Depois, secávamos a roupa como podíamos. Em casa, fora ou na rua, nos arames, como calhava.

O enfermeiro e a parteira da aldeia

Antigamente, não havia médico na aldeia. Tínhamos agora médico! Íamos a Côja ou ele vinha cá. Às vezes, até o José Augusto "Linhaça" dava injeções, dava uns comprimidinhos para as dores de cabeça, fazia um curativo de qualquer coisita que a gente apanhasse. Já morreu. Chamava-se José Augusto Martins. Era enfermeiro. Quer dizer, uma espécie de enfermeiro. Quando a gente cortava um dedo, punha sulfamidas, punha mercúrio, água oxigenada, fazia uns penzozitos e assim se curava.

Nessa altura, nós curávamos a constipação com um chá, leite e o que calhava. Para a tosse e para tudo, era chá de sabugueiro. Havia o de laranja e de limão e, para as dores de barriga, era chá preto. Íamos agora ao médico!

Até tínhamos aqui uma parteira. Aprendeu com o médico. Esteve aí uma vez uma professora. Era a dona Idalina, a última professora que eu tive. Não sei se era a filha mais velha, se era o filho. Mas do primeiro filho que ela teve, a parteira foi para lá, mas não se entendia com o parto e chamou o médico. Veio cá o doutor Adolfo que era de Côja. Depois, ela aprendeu com ele e foi sempre a parteira da aldeia. Chamava-se Gracinda. Foi ela que ajudou a nascer a quase todos cá. Quando não se conseguia desenrascar, chamava o médico. Mas foi só aquela professora e uma outra que cá teve dois gémeos, acho eu. Essa é que também foi preciso cá vir o médico. Quer dizer, eu acho que nem veio o médico para a Arminda. Primeiro nasceu um, depois nasceu o outro e a parteira é que apartou os filhos. Só a chamavam na altura que a gente andávamos com o parto, para nascerem os filhos. Depois, andava oito ou 15 dias a lavar o menino.

De resto, éramos nós que cuidávamos das crianças. Quando nos demorávamos muito tempo, aonde a gente deixava o menino, púnhamos-lhe uma rolha de açúcar. Arranjavam um peno branco de um lençol, uma rolha, punham-lhe açúcar e as crianças chupavam naquilo. Mais tarde usávamos chuchas daquelas de plástico. A chucha também ajuda muito a uma criança por causa dos dentes e tudo. E quando eles estão a chorar, a gente mete-lhe a chucha na boca e eles calam-se.

Um lugar a visitar

Costumavam dizer que era a Benfeita mal talhada. Não sei. Era o "alcunho" que punham aqui. Quase todas as pessoas tinham um "alcunho", também. Diziam que era mal talhada, mas ainda era bem bonita. Para mim, significa a minha terra, sempre. Quando estávamos longe, pensávamos sempre na nossa terra. Temos sempre aquele pensamento cá, no que se cá passava, no que nós víamos e tudo. Eu gosto da minha terra. No Verão é que é bonito. Está a Fraga da Pena, está a piscina, que agora fizeram e está lá em cima a Torre Salazar.

Não sei em que altura foi, que já não me lembra o ano. Ainda era miudita quando eles fizeram a torre. Chamavam a Torre Salazar. Fizeram aquela torre muito alta e ainda era para ser mais alta. Mas depois as pedras eram muito pesadas e podia cair cá para baixo, para cima das casas. Tinham medo de ela cair e deixaram-na por ali. A estrutura foi estreita e eles já não puderam encamar mais pedras. Só fizeram aquela altura. A Torre Salazar era a Torre do 7 de Maio. Foi quando acabou a guerra. A guerra de 1918. Todos os anos, vamos lá cantar o 7 de Maio:

*E o 7 de Maio
Nunca esquecerá.
O sino, escutai-o,
Ele vos lembrará
Que foi nesse dia,
Que por toda a terra,
Uma voz corria:
Acabou a guerra,
Chorai de alegria!
Ó gente boa e amiga,
Venha à Benfeita e verá,
Junto à capelinha antiga,
Ouvir o Sino da Paz.*

*Aquela torre altaneira
Dedicada a Salazar,
Com raminho de oliveira
E uma pombinha a voar.*

Todos os anos lá vamos cantar o 7 de Maio.

Sonhos Saúde e alegria

O que é que eu queria fazer? Eu queria fazer o dia-a-dia que a gente íamos fazendo. O meu sonho era vivermos mais uns aninhos bons com saúde e alegria. É o que a gente espera.

Avaliação "Os outros não se importam"

Vocês é que sabem melhor que nós o que andam a fazer. Mas eu acho que é bom para os mais novos saberem. Mas eu sei lá se eles se importam ou não se importam. Os mais novos... Os outros não se importam.